

TRANSITANDO EM DESERTOS: AS *FOMES* DE JOSUÉ DE CASTRO E O *NUTRICÍDIO* DE LLAILA AFRIKA¹

Daianire Carneiro Rocha (UFRPE/PE)²

Resumo: Josué de Castro, referência fundamental nos estudos sobre a fome, distinguiu a fome endêmica (ou crônica) da fome epidêmica, compreendendo a primeira como um fenômeno estrutural e persistente. Este trabalho estabelece um diálogo entre essa formulação e o conceito de Nutricídio, desenvolvido por Dr. Llaila Afrika, que descreve a produção sistemática da má alimentação como resultado do racismo e do colonialismo alimentar. Embora Afrika não dialogue diretamente com Castro, ambos compartilham a preocupação com formas duradouras de privação alimentar, diferindo principalmente quanto ao papel atribuído aos marcadores raciais: enquanto Afrika enfatiza que populações racializadas são os principais alvos desse processo, Castro interpreta a fome como uma expressão das desigualdades estruturais que atravessam diferentes segmentos da sociedade. Com base em pesquisa bibliográfica, análise da produção científica brasileira entre 2020 e 2025, levantamento de materiais produzidos por movimentos sociais e dados do IBGE, o artigo demonstra que, no Brasil, o conceito de Nutricídio foi apropriado de maneira mais abrangente que sua formulação original, passando a designar diferentes formas de violência alimentar que afetam variados grupos marginalizados. Argumenta-se que essa ampliação aproxima o conceito da noção de fome endêmica proposta por Castro, ao mesmo tempo em que preserva a contribuição de Afrika ao evidenciar a dimensão racial da violência alimentar e ampliar o debate sobre desigualdade, saúde e políticas públicas.

Palavras-Chave: Racismo; Colonialismo alimentar; Genocídio.

INTRODUÇÃO

A alimentação é uma necessidade primária do ser humano, ou seja, como seres vivos temos a necessidade de comer para sobreviver. Essa alimentação vai nos permitir ter energia suficiente para realizar as tarefas cotidianas, seja de subsistência, sobrevivência ou lazer, pois como disse Chico Science (1994) “com barriga vazia não consigo dormir”.

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Graduanda do Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).
Email: daianire@hotmail.com ; daianire.cr@gmail.com

Ainda que a necessidade de se alimentar seja uma característica animal, e não social do ser humano, a partir dessa necessidade básica de sobrevivência são montadas complexas estruturas sociais ao redor da manutenção dela, que vão variar de acordo com contexto social, histórico e cultural. Fazendo com que mesmo uma necessidade comum a todos os indivíduos da Terra, seja experienciada de maneiras completamente diferentes, de acordo com seu contexto. Como afirma Marx (2008, p. 248), “A fome é fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozida, que se come por meio de uma faca ou de um garfo, é uma fome muito distinta da que devora carne crua com ajuda das mãos, unhas e dentes” .

Mesmo tendo em vista essas diferenças, complexas de serem distinguidas num mundo cada vez mais globalizado, a divisão do trabalho torna-se uma tarefa hercúlea para o indivíduo se apropriar de cada etapa do processo que leva a sua alimentação, essas etapas perpassam da agricultura, ou criação de animais, até o último preparo que leva a comida à mesa. Neste sentido, há certo estranhamento em relação ao processo produtivo que permite que alimentos cheguem às mesas das pessoas, pois essas nem sempre estão cientes do itinerário pelo qual o arroz e o feijão, por exemplo, tiveram de passar de seu cultivo ao seu cozimento.

Segundo os dados mais recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025), as pessoas que vivem em situação mais vulnerável a esse tipo menos óbvio de fome são majoritariamente pessoas marginalizadas e socialmente minorizadas, como pessoas racializadas, mulheres e crianças. Um dos dados que exemplifica isso aponta que em domicílios liderados por mulheres o percentual de insegurança alimentar é de 59,9%, enquanto os liderados por homens ficam em 40%. Essas desigualdades também são nítidas em relação a esses outros grupos sociais, são pessoas frequentemente consideradas pela sociedade como menos merecedoras de direito, e até mesmo, em alguns casos, menos humanas.

Esses contextos de vulnerabilidade social, aliados às dificuldades de acessos econômicos e práticos, são apenas alguns dos elementos causadores dos fenômenos que pretendo tratar neste trabalho, a saber: o Nutricídio e a Fome Endêmica.

É importante ressaltar que mesmo havendo uma forte relação entre ambos, Nutricídio não pode ser resumido à simples fome, não apenas por seu caráter de genocídio alimentar³ e

³ Descreve o “assassinato social” ou aniquilação em massa que ocorrem através do sistema alimentar contemporâneo. (Souza, 2018).

necropolítico⁴ (Mbembe, 2018), mas por acontecer em vários níveis da alimentação de populações vulneráveis. O Nutricídio e a Fome estão presentes mesmo quando não há a ausência de quantidade, pois esses conceitos também estão na dificuldade de acesso a alimentos de qualidade; quando essas populações vulnerabilizadas são, por falta de recursos, obrigadas a se alimentarem de embutidos, ultraprocessados, e quantidades significativas de agrotóxicos. Estão presentes o Nutricídio e a fome, ainda quando crimes ambientais afetam o acesso a comida de determinadas identidades étnicas específicas. Há ainda o aspecto cultural do Nutricídio, que é o “colonialismo alimentar”⁵ (Oliveira; Silva; Ferreira 2025), quando, por exemplo, os brasileiros deixam de comer alimentos típicos e nativos, como caju, jabuticaba e cupuaçu para comer maçã, pera e uva, e passam a se alimentar de outros alimentos, como ultraprocessados.

Portanto, o desafio é construir uma conceitualização e um levantamento em como o conceito de Nutricídio é utilizado dentro do contexto brasileiro para que se possa dialogar com as ideias Fome de Josué de Castro e ter uma base para futuros estudos e pesquisas. Desta forma, esse trânsito entre os conceitos pode contribuir para a criação de alternativas à problemática do nutricídio e da fome, que mobilizam tanto temas antigos quanto emergentes no contexto brasileiro. Há ainda a expectativa de que este trabalho traga inquietações a mais estudantes das Ciências Sociais, levando a trabalhos acadêmicos que possam abarcar as diversas facetas desses conceitos, como as problemáticas culturais, pois como bem colocou a cientista social e comunicadora conhecida como Bruna Crioula: “a nossa subjetividade morre quando nós não consumimos alimentos regionais” (*In: Fundo Agbara, 2022, 01:03:11*).

A metodologia utilizada para esse trabalho foi a revisão bibliográfica, de caráter exploratório, fazendo uma busca do uso do conceito na plataforma Google Scholar⁶. Como palavras chaves foi usado o conceito “nutricídio” acrescido de algum dos seguintes termos: “Brasil”, “Necropolítica”, “Soberania Alimentar” e “Indígena”. Esses termos foram escolhidos tanto por aparecerem com frequência nas pesquisas anteriores feitas com “Brasil”, quanto por haver um entendimento de que são conceitos importantes para debater o nutricídio. A exceção ficou pelo termo “indígena”, que julguei importante, por nutricídio se

⁴ Achille Mbembe em 2018 conceituou a necropolítica como: o poder soberano de decidir quem pode viver e quem deve morrer

⁵ Se refere à continuidade das formas coloniais de dominação no sistema de alimentação, mesmo após o fim do período colonial formal (Bastos, 2022)

⁶ O Google Scholar é uma ferramenta de busca do Google especializada em pesquisas acadêmicas.

tratar de um conceito intimamente ligado ao racismo, e entender que no contexto brasileiro o debate racial não deve ser limitado a identidades negras, pois os povos originários dessas terras às quais chamamos de Brasil afirmam sofrer racismo desde a chegada dos primeiros europeus, até a atualidade (Milanez *et al*, 2019, p. 2170). Foram feitas ainda buscas no google convencional, no intuito de observar como o conceito chegou e foi apropriado pelos movimentos sociais.

Foram selecionados artigos no intervalo entre 2020 até 2025, com a escolha do recorte temporal sendo feita baseada na quantidade de artigos encontrados nesse período em relação a anos anteriores, provavelmente devido à um maior interesse sobre o tema em função dos vários efeitos colaterais e sociais da pandemia do Covid-19.

Foram utilizados ainda livros que debatem os conceitos centrais para o trabalho: *Nutricide: The Nutritional Destruction of the Black Race*⁷ do médico estadunidense Laila O. Afrika. O livro “Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro” de Anna Castro, e “Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço” de Josué de Castro. Foram buscados ainda dados oficiais do IBGE, e matérias jornalísticas com informações relevantes ao contexto.

Após essas buscas iniciais foram selecionados 13 artigos que exploravam direta ou indiretamente o tema de Nutricídio no Brasil, para serem lidos de maneira direcionada a compreender as ideias que seus autores faziam do conceito, e como o debatiam, no intuito de compreender a forma que o conceito chega ao Brasil, para então abrir o diálogo com a obra de Josué de Castro.

2. JOSUÉ DE CASTRO E AS FOMES NO BRASIL

Para compreender melhor o conceito de Nutricídio de Afrika (2000), é de interesse que seja debatida a fome, tendo em vista sua intimidade com o conceito de Nutricídio, especialmente os tipos de fome que serão acionados aqui. Portanto, esse capítulo debaterá o trabalho de Josué de Castro, um renomado estudioso da fome no mundo, nascido em solo brasileiro, que passou sua vida debruçado sobre esse tema, tendo produzido diversas contribuições para o assunto, incluindo a conceitualização de algumas formas de fome, que,

⁷ “Nutricídio: A Destruição Nutricional da Raça Negra”. - (tradução nossa).

conjuntamente a outras partes de sua obra, serão de grande valia para o melhor entendimento do próximo conceito aqui trabalhado.

2.1 Os tipos de fome em Josué de Castro

O mundialmente reconhecido teórico da fome, Josué de Castro, começou a estudá-la e debater a seu respeito desde a década de 30, e seguiu até a sua morte nos anos 70. Impactado pela realidade ao seu redor, o então morador do bairro da Madalena, no Recife, começou a observar a precariedade da fome no mangue, desde muito cedo. Em seu prefácio do romance “Homens e Caranguejos”, Castro fala brevemente sobre seu primeiro contato com a fome, que o levou a nutrir o interesse no tema desde a juventude:

O tema dêste livro é a história da descoberta que da fome fiz nos meus anos de infância, nos alagados da cidade do Recife, onde convivi com os afogados dêste mar de miséria. Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo. (1967, p.12).

O geógrafo então abordou o tema da fome em diversos aspectos e contextos durante todo o seu período produtivo. Em seu livro de maior destaque, “Geografia da Fome” (1984), o autor distinguiu os seguintes tipos de fome, colocadas sempre em contradição, são elas: a) “Fome total” em oposição a 2) “Fome parcial”, e 3) “Fome endêmica” em oposição a 4) “Fome epidêmica”. Segundo ele, a “Fome total” (ou inanição) se caracteriza pela baixa quantidade de alimentos e calorias ingeridas, trata-se da fome como costuma ser conhecida. Do outro lado, a “Fome parcial” é utilizada para apontar que apenas a quantidade de alimentação consumida não é o suficiente para nutrir uma pessoa, sendo este tipo de fome uma espécie de subnutrição. Já a “Fome endêmica” se diferencia da “Fome epidêmica” no que diz respeito ao tempo de fome, sendo a “Fome endêmica” aquela que se faz constante, e a outra se caracteriza por períodos cíclicos ou transitórios. Esses tipos de fome podem ser observados em conjunto, como a “Fome parcial” e a “Fome endêmica” (ou crônica), um

conjunto que nos dias atuais são comumente chamados de insegurança alimentar leve⁸. Outros conjuntos podem se encaixar nos demais tipos de Insegurança alimentar e nutricional (ISAN)⁹, que são as ISAN moderada¹⁰ e grave¹¹, sendo a Segurança alimentar e nutricional (SAN)¹² a ausência de qualquer tipo de fome.

Castro não apenas observou esses tipos de fome, como foi capaz de observar prejuízos concretos na vida daquelas pessoas, que ele chamou de irmãos de leite dos caranguejos (1967). Ainda no seu clássico “Geografia da Fome” (1984) o autor observa como a Fome oculta e a Fome endêmica nas crianças ocasiona um crescimento inadequado e hipotrofia, causado pela ausência de minerais, vitaminas e proteínas, fazendo com que as pessoas que passam por esse tipo de fome não se desenvolvam fisicamente de maneira apropriada, se tornando pessoas com estaturas abaixo do normal. Além da baixa estatura, ainda segundo o autor, essas crianças vítimas da fome também sofrem com diversos tipos de doenças, como é o caso de problemas no sangue, na saúde bucal e na ocular, podendo ocasionar até mesmo a cegueira completa. No extremo, a Fome oculta ainda é capaz de causar uma alta taxa de mortalidade infantil, principalmente devido a uma baixa imunidade ocasionada pelas carências nutricionais.

Algumas doenças sobre as quais Castro fala no livro ocasionadas pela Fome endêmica são: Arriboflavinose (ou “boqueiras”), é considerada um marcador de classe pelo autor, por causar rachaduras no canto da boca, além de inflamações oculares, e é resultante de uma carência de vitamina B2; Geofagia, para ele a doença da fome crônica no mundo inteiro, se caracteriza pela reação instintiva de comer terra em busca de minerais, principalmente o ferro, mas também cálcio e fósforo; Edemas de fome e hidropisias, causada pela ausência de proteínas completas e gerando estufamento e inchaços, dando a falsa aparência de boa alimentação; e até mesmo a fadiga ou “preguiça” como resultantes de déficits calóricos permanentes, fazendo com que o corpo poupe energia. Tudo isso sustenta o seguinte ponto do autor, que será fundamental na argumentação aqui construída:

⁸ Insegurança alimentar leve: Apresentam comprometimento da qualidade da alimentação em detrimento da manutenção da quantidade percebida como adequada. (Brasil, 2022).

⁹ Em alguns lugares pode aparecer como IAN.

¹⁰ Insegurança alimentar moderada: apresentam modificações nos padrões usuais da alimentação entre os adultos concomitante à restrição na quantidade de alimentos entre os adultos. (Brasil, 2022).

¹¹ Insegurança alimentar grave: são caracterizados pela quebra do padrão usual da alimentação com comprometimento da qualidade e redução da quantidade de alimentos de todos os membros da família, inclusive das crianças residentes neste domicílio, podendo ainda incluir a experiência de fome. (Brasil, 2022).

¹² Segurança alimentar: os moradores do domicílio têm acesso regular e permanente a alimentos de qualidade e em quantidade suficiente. (Brasil, 2022).

É que existem duas maneiras de morrer de fome: não comer nada e definhar de maneira vertiginosa até o fim, ou comer de maneira inadequada e entrar em um regime de carências ou deficiências específicas, capaz de provocar um estado que pode também conduzir à morte. Mais grave ainda que a fome aguda e total, devido às suas repercussões sociais e econômicas, é o fenômeno da fome crônica ou parcial, que corrói silenciosamente inúmeras populações do mundo (Castro, 1983, p. 52-53).

3. LLAILA AFRIKA E O CONCEITO DE NUTRICÍDIO

O médico estadunidense Llaila O. Afrika (2000), criou o conceito de Nutricídio para debater o contexto daquilo que Josué de Castro (1983, 1984) chamaria de fome endêmica, porém dando ênfase para o fator de violência que acontece nessa fome, apontando para uma fome causada de forma deliberada para atingir grupos sociais específicos. Afrika, um homem negro, criou o conceito para denunciar uma violência racista que até então não era olhada por esse prisma, observando pessoas negras e mulheres como grupos mais vulneráveis a uma alimentação inadequada. Suas observações dialogam diretamente com a realidade atual brasileira, de acordo com as últimas pesquisas do IBGE (2025) sobre os níveis de segurança e a insegurança alimentar no país. Portanto, se faz necessário construir um debate sobre o que caracteriza esse conceito, e de qual maneira ele vai chegar no Brasil.

3.1 O *Nutricídio de Afrika*

Considerado uma autoridade mundial em saúde e nutrição, Afrika (2000) possui uma visão holística da saúde, e cria o conceito de Nutricídio para se referir ao genocídio que acontece devido ao colonialismo alimentar dos negros fora da África. O argumento central do médico se baseia no fato de que a alimentação dos negros estadunidenses não são apenas inferior em qualidade (com os excessos de açúcar, gordura e sal, por exemplo), mas também são profundamente baseadas na alimentação dos colonizadores brancos, ignorando as especificidades de corpos negros. Afrika chama a atenção para o fato de que seus ancestrais africanos possuíam uma alimentação rica em vegetais e não tinham o hábito de consumir leite, diferentemente dos colonizadores europeus que possuíam um histórico de domesticação de animais, permitindo um corpo adaptado a esse consumo. Porém, a alimentação originária

européia é imposta a seus povos colonizados, tornando assim, a base da alimentação de outras etnias, causando implicações para a saúde destas. Essas características fazem parte do conceito de Nutricídio, que Afrika define como:

The nutritional genocide of African people, which is called Nutricide, is a reality that must be faced by Africans. Nutricide is the deliberate and systematic alteration of foods in order to cause physical and mental dis-eases, genetic mutations and/or death.¹³ (Afrika, 2000, p. 19)

Logo, o conceito de Afrika vai além do colonialismo em si, e aponta para uma decisão deliberada de deixar morrer, sendo o nutricídio uma das formas possíveis do que mais tarde Mbembe chamaria de Necropolítica (2018). Segundo Afrika, causar uma condição de má alimentação a um povo específico é uma forma não apenas de controlar, mas manter esse povo sob controle, pois ao retirar o acesso a uma alimentação de qualidade e completa, retira-se junto a possibilidade de se ter saúde física, mental, cognitiva e espiritual suficiente para encarar os problemas sociais que vivem, tirando deles as plenas capacidades de lutar por igualdade. A alimentação inadequada causa a docilização de uma comunidade, que se vê impotente para mudar a realidade e segue sofrendo as consequências desta política de morte.

Conforme o autor, o problema se inicia ainda na infância. Ele evidencia que mesmo se comparado entre crianças pobres, brancas e negras, as crianças negras comem mais comidas de baixa qualidade. Dentre esses alimentos estão os ultraprocessados, alimentos esses que são altamente viciantes, que ainda segundo Afrika (2000), causam reações alérgicas nos cérebros de crianças, causando problemas de aprendizagem e comportamentais. Essa alimentação de baixa qualidade deixa as pessoas mais predispostas a diversos tipos de vícios, e toda sorte de problemas de saúde, o que é agravado no caso de populações negras devido ao fato de não se alimentarem de acordo com as suas origens, e por consequência às necessidades específicas de seus corpos.

Essas crianças crescem com uma base alimentar de qualidade inferior, cheia de aditivos químicos feitos para causar vício, e fidelizar o paladar ao longo da vida, tornando os negros norte americanos mais propensos a problemas crônicos de saúde, comprometendo a

¹³“O genocídio nutricional do povo africano, denominado nutricídio, é uma realidade que os africanos precisam enfrentar. Nutricídio é a alteração deliberada e sistemática dos alimentos com o objetivo de causar doenças físicas e mentais, mutações genéticas e/ou morte.” - (tradução nossa).

qualidade de vida e longevidade dessa população, que sofre o que Josué de Castro (1983) chamaria de fome endêmica.

3.2 A chegada do conceito *Nutricídio* no Brasil

Ao trazer o conceito para o Brasil não é difícil de se observar como ele se encaixa na realidade do país nas últimas décadas. O contexto estadunidense do início dos anos 2000 onde o conceito de Nutricídio foi criado, não é tão diferente do contexto do Brasil de 2026, a população negra brasileira também sofreu e sofre com a colonização europeia, assim como com o consumo exacerbado de alimentos ultraprocessados, ocasionando toda sorte de doenças crônicas não transmissíveis, como obesidade, diabetes tipo 2 e hipertensão. Para além disso, segundo pesquisa publicada em 2025 pelo IBGE, os dados de insegurança alimentar no Brasil também se assemelha ao contexto de África, tendo em vista que pessoas negras e pardas estão mais sujeitas a sofrer de insegurança alimentar do que pessoas brancas.

Mesmo havendo evidentes semelhanças, o conceito no Brasil ganha novos desdobramentos, ainda que continue associado a pessoas negras. O complexo contexto étnico racial do país nos leva a observar fenômenos muito semelhantes em outros grupos minorizados, como é o caso dos povos originários, um exemplo que saltou aos olhos do país nos últimos anos foi o da etnia Yanomami, que embora sofresse com violências estatais desde a ditadura cívico-militar de 1964, vem sofrendo com o avanço do garimpo ilegal, ocasionando desnutrição, tendo seu ápice durante os quatro anos de governo do ex presidente Jair Messias Bolsonaro. O ex -presidente tomou atitudes deliberadas de incentivo ao garimpo ocasionando a crise humanitária de fome aguda.

Porém, embora a raça siga sendo fator central neste debate, ao chegar no Brasil o conceito de nutricídio ganha desdobramentos muito mais alargados que seu contexto de criação. Mesmo que haja pouco material debatendo diretamente acerca do conceito, ele aparece em trabalhos escritos a partir de 2020, possuindo fronteiras cada vez mais porosas. No Brasil, o nutricídio não é mais um problema de um grupo social específico, ele começa a ser observado como algo que atinge pessoas indígenas, pardas, mulheres. E não pára por aí, a dimensão da territorialidade ganha destaque, pessoas em periferias urbanas, assim como comunidades rurais passam a ser entendidas como vítimas do fenômeno, que não poupa sequer parte da classe média brasileira, que também sofre com insegurança alimentar leve.

Fica evidenciado que ao chegar no contexto brasileiro o nutricídio perde foco e talvez significado, qualquer coisa que possa ser chamado por algum tipo de insegurança alimentar

passa a poder ser associado com o nutricídio no contexto brasileiro. No entanto, não cabe julgar ou moralizar a questão, embora não se trate de um conceito novo, ele passa longe de ter sido absorvido no contexto brasileiro, ao contrário, aparece de forma tímida no debate do país, dando margem para toda sorte de interpretações, que ampliam o conceito original.

Esse alargamento do conceito, entretanto, apenas reflete a realidade de um país rico em alimentos cheios de qualidade e de significados, mas também profundamente desigual que impede o devido acesso à população geral dessa riqueza em sua alimentação.

4. DIÁLOGOS ENTRE AS *FOMES* DE JOSUÉ DE CASTRO E O *NUTRICÍDIO* DE AFRIKA

Este capítulo irá sintetizar o artigo, e mostrará como os conceitos desses dois autores tão distintos em trajetória, trabalho, tempo e localidade, dialogam entre si, mesmo que não haja registro do conhecimento de um pelo outro. Fato é, que o geógrafo Josué de Castro ganhou o mundo com seu trabalho sobre a fome, e ainda que não tenha influenciado o médico Llaila Afrika, suas pesquisas e descobertas lançaram as bases para muito do que é tratado hoje no debate sobre a fome, e antecipou observações, que Afrika aprofunda a seguir, mesmo que sem o contato direto com a obra do outro autor.

Retornando mais uma vez ao recifense, Castro não apenas descreveu longamente sobre os diversos fenômenos que ele chamou de fome (as atuais inseguranças alimentares), como em seu olhar nutrido pelo viés da geografia, analisou de forma pioneira aquilo que chamou de desertos demográficos ou áreas de fome crônica (1984). Para ele, esses desertos se caracterizam por longas extensões de terras pouco habitadas, ele afirma estar localizado na Amazônia um dos maiores desertos demográficos do planeta, “*uma população de tipo homeopático, formada de gotas de gente salpicadas a esmo na imensidade da floresta*” (1984, p.62). Castro afirma que os desertos demográficos não são apenas acasos geográficos, mas resultado de uma estrutura econômica que gera fome.

Por sua vez, o estadunidense se vale do conceito não muito diferente, o de deserto alimentar, que segundo Sanches et al (2018) se refere a regiões onde há escassez da oferta de alimentos, ou de alimentos adequados. Para Afrika (2000), os desertos alimentares são locais onde há uma maior predominância de alimentos ultraprocessados e dificuldade de acessar alimentos frescos, refletindo o racismo estrutural¹⁴. Nesses locais que o autor chama de

¹⁴ O racismo estrutural é concebido como um conjunto de práticas nos níveis econômico, político, social e psicológico. O objetivo fundamental dessa estrutura é manter vantagens sistêmicas para o grupo racializado

desertos alimentares, os alimentos frescos e *in natura* não apenas estão geograficamente distantes dessas pessoas racializadas, mas também podem ser economicamente inacessíveis, forçando essas comunidades mais vulneráveis a terem os alimentos ultraprocessados como base de sua alimentação.

A diferença então, entre os desertos alimentares que Afrika aciona, e os desertos demográficos observados por Castro residem numa série de contextos sociais, geográficos e históricos. Porém, ambos os conceitos dão as mãos em seu pilar: a fome como interesse político (ou a falta dele). Os dois autores convergem em entender que há uma deliberação para que certos grupos permaneçam em seus lugares socialmente marginalizados, apontando para o caráter decididamente político do trabalho de Josué de Castro, o que aproxima suas noções acerca da fome do conceito de nutricídio criado por Afrika, que põem a mesa as bases para esse diálogo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho abordou as problemáticas das fomes do brasileiro Josué de Castro e do Nutricídio do estadunidense Llaila Afrika, apontando uma pequena síntese de seus respectivos conceitos, e evidenciando como mesmo partindo de lugares geográficos e sociais tão distintos entre si, os dois autores que não tiveram contato fizeram contribuições parecidas e muitas vezes complementares sobre a fome no mundo. Mesmo que suas ideias tenham partido de locais específicos que dizem muito a respeito das próprias, elas não se apequenam em seus pontos de partida e ganham o mundo como resultado de sua relevância. Diante disto, é de interesse construir uma interlocução entre os autores e suas teorias, pois o diálogo fluido entre eles é capaz de iluminar a complementaridade dos dois trabalhos. Afrika e Castro não foram nem serão capazes de exaurir o tema da fome, mesmo que o segundo tenha dedicado sua vida inteira a isso. Mas fato é que cada qual, a seu modo, lançaram direções para que o debate sobre o tema continue avançando enquanto ainda se fizer necessário.

Espera-se que um trabalho como esse possa somar a essa discussão, contribuindo cada vez mais com as discussões acerca dos dilemas e das dimensões políticas e sociais da fome, objetivando a criação de formas mais eficazes de combatê-la, assim como de combater as desigualdades sociais que tornam grupos específicos tão mais vulneráveis a ela do que a outros. O artigo não se propõe a dar conta de todo o debate que esses dois autores são capazes

como branco, enquanto mantém os grupos classificados como não brancos sob controle e em uma posição de subordinação

de construir, mas servir de aperitivo para o ensejo de novos trabalhos, assim como trazer o conceito de Nutricídio um pouco mais próximo do debate brasileiro.

REFERÊNCIAS

AFRIKA, Llaila. **Nutricide: The Nutritional Destruction of the Black Race**. New York: A&B PUBLISHERS GROUP, 2000.

ALMEIDA, Isadora H. A. **Territorialidades do nutricídio: decolonizando o direito à alimentação adequada**. 2023.

BASTOS, Mariana Nunes Pereira. **Fome e colonialidade alimentar no Brasil**. Mosaico, v. 14, n. 22, 2022. DOI: <https://doi.org/10.12660/rm.v14n22.2022.86295>. Disponível em: <https://doi.org/10.12660/rm.v14n22.2022.86295>. Acesso em: 21 jun. 2026

BRASIL. Ministério da Saúde. **Insegurança Alimentar e Nutricional**. In: *Glossário Saúde Brasil*. Brasília, DF, 14 dez. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-brasil/glossario/inseguranca-alimentar-e-nutricional>. Acesso em: 12 jun. 2026.

CABRAL, Mariana P. G. et al. **Nutricídio e racismo alimentar na crise neoliberal e socio sanitária da pandemia de covid-19 no Brasil**. Saúde e Sociedade, v. 33, n. 2, p. e220740pt, 2024.

CASTRO, Josué; CASTRO, Anna M. de. **Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1983.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. 10. ed. rev. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos: romance**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

CHICO SCIENCE. **Da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Chaos: 1994.

DE ALBUQUERQUE OLIVEIRA, Ana C. G.; DA SILVA, Paulo H. T.; FERREIRA, Jéssica F.. **COLONIALIDADE ALIMENTAR: VIOLAÇÃO À SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO BRASIL**. Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas, v. 10, n. 2, 2024.

DE SOUZA, André A. et al. **Insegurança alimentar e nutricional agravada pelo nutrídio no Brasil: algumas considerações**. Facit Business and Technology Journal, v. 1, n. 43, 2023.

FELLET, João; PRAZERES, Leandro. Sob Bolsonaro, mortes de yanomami por desnutrição cresceram 331%. **BBC News Brasil**, São Paulo e Brasília, 17 fev. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw011x9rpldo>. Acesso em: 2 dez. 2025.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FUNDO AGBARA. **[MEGA AULA] Nutricídio: como opera o racismo alimentar na população negra**. [S.l.]: Fundo Agbara, 2022. 1 vídeo (1h46min36s). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BL1HTOS03SE>. Acesso em: 3 dez. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Mais de dois milhões de lares saem da insegurança alimentar em 2024. **Agência de Notícias do IBGE**, [Rio de Janeiro], 10 out. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/44728-mais-de-dois-milhoes-de-lares-saem-da-inseguranca-alimentar-em-2024>. Acesso em: 7 nov. 2025.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo : Expressão Popular, 2008 .

MATEUS, Lorena M. da C. **"Fome no Brasil, através do controle social punitivo pela alimentação."** (2024).

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MILANEZ, Felipe et al. **Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas.** *Revista Direito e Práxis*, v. 10, p. 2161-2181, 2019.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento Organizacional.** São Paulo: Editora Atlas, 2008.

ROSA, Jaqueline Cristina da. **Gênero em perspectiva: Um estudo sobre causas e consequências da insegurança alimentar e obesidade no Brasil no século XXI.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/261877>. Acesso em: 21 jun. 2026.

SANCHES, Lucas Daniel; LOPES, Renata Fagundes; MELZER, Matheus Ribeiro Theodósio Fernandes; OLIVEIRA, Maria Aparecida de; MARTINS, Paula Andrea. **Desenvolvimento e validação de instrumento para avaliar o impacto de um programa de intervenção em comércios de alimentos em área de deserto alimentar.** *Geografares*, Vitória, n. 25, p. 396-411, jun. 2018. ISSN 1518-2002. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/17604>. Acesso em: 30 jun. 2026.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 24. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2017.

SOUZA, Felipe Guilherme de. **Somos educados para um genocídio alimentar? O complexo da alimentação na crise estrutural do capital e seus desdobramentos nas políticas educacionais.** 2018. 244 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2018.